

SYNTHOMAS DE POESIA E DE LUDISMO NA INFÂNCIA¹

SYNTHOMAS OF POETRY AND LUDISM IN CHILDHOOD

Maria do Carmo Moreira de Carvalho*

Sara Regina de Oliveira Lima**

RESUMO: O presente trabalho propõe um estudo acerca dos poemas de Climério Ferreira (1979) e Martins Napoleão (1903-1981), dois poetas omitidos no âmbito dos estudos literários piauienses. O artigo tem como pressuposto divulgar suas produções poéticas, ao tempo que colabora para com a poesia infantil, que também perpassa pelo mesmo processo de apagamento. Dessa forma, objetivou-se conduzir a análise dos poemas selecionados tomando por base o ludismo, que em contato com a criança contribui diretamente para o desenvolvimento criativo e para o processo de composição do mundo interior, partindo da concepção de Kirinus (2011) correlacionada com a de Huizinga (2001). Com isso, considerando o entendimento do/a autor/a, pôde-se aferir, portanto, que os poetas estimulam os efeitos/synthomas poéticos na infância através do compasso dos ritmos, do lúdico e do mágico, os quais sintonizam o desenvolver das percepções de mundo, importantes para a formação crítica e para a aproximação da criança com o poema.

PALAVRAS-CHAVE: Infância; Lúdico; Leitor. Climério Ferreira. Martins Napoleão.

ABSTRACT: The present work is justified by weaving a study about the poems of Climério Ferreira (1979) and Martins Napoleão (1903-1981), omitted in the context of literary studies of Piauí, while collaborating with the children's poetry, which also goes through the same process of erasure. Thus, it aimed to conduct the analysis of the selected poems based on the playfulness that in contact with the child contributes directly to the creative development and the process of composing the inner world, from the conception of Kirinus (2011) correlated with Huizinga (2001), among other names, as

¹ O estudo é um recorte da pesquisa de Iniciação Científica realizada com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UESPI-AF) nos anos de 2019 e 2020, e, posteriormente, aprofundada na Monografia.

* Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (PPGL-UESPI). Especialista em Cultura e Literatura (Faculdade UniBF). Licenciada em Letras Português (UESPI). E-mail: mariamc91196@gmail.com.

** Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI). Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (PPGEL-UFPI). Professora da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: sararegina@prp.uespi.br.

a theoretical reference. Thus, from the understanding of playfulness of the authors, it could be gauged, therefore, that poets stimulate the poetic effects/synthomas in childhood through the rhythm of rhythms, playfulness and magic, which tune the development of world perceptions, important for critical formation and for the approximation of the child with the poem.

KEYWORDS: Childhood; Ludic; Poetry. Climério Ferreira. Martins Napoleão.

INTRODUÇÃO

A força comunicativa que a criança exerce com a poesia desde seu prelúdio faz dela um agente transdisciplinador, porque é capaz de firmar um diálogo com este campo do saber de maneira que, antes de restringir-se ao conteúdo disciplinador, ela alcança, com sinuosidade, o latente, potencializando, por sua vez, a sua cognição e o seu conhecimento, conforme Kirinus (2011). Dessa forma, entendendo a poesia como “um dos meios mais expressivos de comunicação e de inovação da linguagem”, consoante Gonçalves (2008, p. 3), pode-se compreender, portanto, que esta se descobre no interior infantil, conferindo sua participação no desenvolvimento perceptivo da infância.

No mais, o texto poético voltado para a criança, antes de ser percebido como essencial para a sua formação, por algum tempo, nas suas primeiras manifestações de produção, permeou sob o pedagogismo, mantendo junto à escola uma relação arriscada, pois excluía do texto poético a ação formadora e estética, compelindo-o ao didatismo excedido. Contudo, conforme os anos se passaram – mais precisamente na década de 60, concordando com Lajolo; Zilberman (2007) – surgiu a poética da modernidade, período em que manifestarem-se poetas e poetisas dispostas a oferecer novos rumos para a poesia infantil, livrando-a do civismo e da moral, e adicionando elementos estéticos em suas composições, ao passo que o relacionavam com o humor, com a brincadeira e com o ludismo.

Da mesma forma, o fato do poema para a criança ter sido reconhecido com as mesmas qualidades das quais portam os poemas para o adulto, passou-se a considerar que alguns autores que dedicaram suas produções para este público “maior” também carregavam em si um lampejo da poesia infantil, a qual, utiliza dos mesmos recursos que a poesia para o adulto, segundo Bordini (1991).

Nessa conjuntura, com base no olhar crítico de autores e autoras que se debruçam em discutir sobre a importância do gênero no crescimento infantil, pensou-se em tecer um estudo que pudesse priorizar a ação estética da poesia na formação crítica e leitora. Assim, compartilhando do pensamento de Sorrenti (2013, p. 07), de que a poesia para criança é aquela que ela pode apreciar, não sendo restrita a aspectos e interpretações pueris, buscou-se investigar tal ação em versos de poetas que inicialmente não escreveram para elas.

Todavia, é evidente o cuidado em considerar nesses poetas aspectos essenciais dos poemas destinados ao mirim. No mais, estes autores “que não escreveram especialmente para as crianças, dão-nos peças muito bem-feitas e com profundo traço de simplicidade, o que permite trânsito livre para a compreensão da infância” (ARROYO, 1990, p. 222 *apud* Gonçalves (2008)). É profícuo interpretar estes traços de simplicidade como aqueles que são inerentes para a compreensão do infante, conforme seu grau de maturação, e não como inferiores em vista da esteticidade que carregam os poemas compostos para o público adulto.

Considerando o exposto, a presente pesquisa justifica-se por analisar nos poemas selecionados de Climério Ferreira (1979) e de Martins Napoleão (1903-1981) a presença do lúdico, de acordo com a conceituação de Kirinus (2011), em paralelo com a concepção de poesia e lúdico de Huizinga (2000), verificando como esses textos, a partir do conceito de lúdico tratado pelos autores, contribuem para a formação da criança.

Para a constituição desta análise, a escolha dos autores decorreu da urgência de investir em estudos literários piauienses que tenham em seu bojo autores com uma vasta produção e que, apesar disso, quase nada se conhece sobre eles, tampouco sobre suas obras. Dessa maneira, selecionou-se, para o presente estudo, os poemas “A arte de minha neta Daniela” (2008), “Haja vista” (2011) e “Na idade média” (2008), de Climério Ferreira (1979). Da mesma forma, aludiu-se a “Um momento, na minha cidade humilde” (2013), “Epigrama noutra manhã de sol” (2013) e “Lúdica” (2003), de Martins Napoleão (1903-1981). No que tange aos poemas de Napoleão, apesar de existirem indícios limitados de suas obras, foi possível selecioná-las de forma mais acessível. Em contrapartida, os de Ferreira se limitam ao seu sítio na *internet*, no qual deposita algumas das suas produções consagradas e as mais recentes.

Assim sendo, para sua totalidade, o artigo foi desenvolvido da seguinte forma: no primeiro momento, concernente à fundamentação teórica, ponderou-se sobre o ludismo na infância através de Glória Kirinus (2011) em consonância com Huizinga (2001); no segundo momento, voltou-se o olhar para os poemas no que se refere o aspecto do ludismo na poesia e no infante, investigando como os textos afloram a partir da relação lúdico-criança-poesia, os *synthomas* resultantes da poesia na infância, apoiando-se nos autores mencionados, além de Bordini (1991).

Para finalizar, apresentou-se as considerações finais com as conclusões obtidas no estudo, em que foi possível constatar que os autores contribuem, através do lúdico e da característica cantada, para a comunicação entre o texto e o seu leitor, sendo esta interação importante para a formação da leitura literária.

ECOS DO LUDISMO POÉTICO NA INFÂNCIA

Conforme dissertado anteriormente, o jogo na poesia infantil é associado ao brincar e ao imaginar, constituindo-se em um jogo de ludismo, pois a linguagem poética, antes de qualquer outra coisa, é constituída pelo lúdico. Huizinga (2000, p. 131) considera que a poesia tem uma função lúdica, pois encontra-se ligada a um mundo pensado para ela, em que as “coisas” diferenciam-se da vida comum. Nela é adotado um mundo criado pelo espírito onde a lógica e a casualidade não se aplicam como na realidade.

A poesia, por apoiar-se no plano primitivo, segundo o autor, se iguala ao infante, pois assim como a criança que se constrói mesmo antes da vida escolar por entre atravessamentos do espaço, das experiências primitivas, “na região do sonho, do encantamento, do êxtase, do riso” (HUIZINGA, 2000, p. 131), a poesia constrói-se em um plano interior ao sentido concreto, relaciona-se com o jogo, motivada pela exploração do mundo e da linguagem. Da mesma forma, Kirinus (2011, p. 25) considera que a poética compartilha de uma verdade a qual fundamenta-se pela não emersão do universo real e concreto. Totaliza-se em uma “mentira” em vista da realidade, uma “mentira” emblemada na palavra fabulada no real em prosa e verso.

Consoante a autora, a poesia se funda em uma “mentira” porque não é vista, mas abs-trata, intuitiva e inventada, subjetiva ao visível e ao invisível. Portanto, a partir da invenção e da criação decorridas dessa sensibilidade abstrata, provém as primeiras metáforas na infância, diluídas em verdades não ocorridas, simbolizadas em palavras que circunscrevem “mentiras” aspirando o acontecer através de um “pacto ficcional” pelo qual emerge a poesia.

Nessa conjuntura, assemelhando-se à posição de Huizinga sobre a relação da poesia com a infância, a autora sublinha que a criança conhece o poético desde sempre, pois há na poesia diversas maneiras de manifestar-se, “algumas delas, nas peraltices da infância arteira e nos *synthomas* que nos remetem à concepção lúdico-transdisciplinar do conhecimento e do saber sensível” (KIRINUS, 2011, p. 26), encontrando na criança a simplicidade no despertar do fazer poético, como um ser desperto para a criação e para a fantasia em um estado puro de linguagem, emersa pela verdade genuína construída naturalmente por meio de um olhar sensível e receptivo das “emoções sobre o mundo” (KIRINUS, 2011, p. 24).

Para Huizinga (2000), a relação da poesia com o lúdico se emprega porque a poesia é concebida por artifícios que se associam ao jogo. O ludismo atende, a princípio, à construção liminar da vida, e até mesmo aos primórdios da cultura, estando sintonizado, bem como presente no ser humano em qualquer estágio da sua existência. O lúdico em seu plano primário convida a natureza humana a experiências criadoras, possibilitando diferentes proporções de jogo, o qual desenvolve capacidades inerentes à estética humana, como a harmonia, o ritmo, a consonância etc.

Dessa maneira, a poesia convida à atividade do ludismo, uma vez que se encontram em um compasso e em uma constante sintonização. Kirinus (2011) afirma que assim como a

infância está para a poesia, e conseqüentemente, também para o lúdico, a poesia está para a infância em uma troca espontânea de percepção, de saber e de recepção estética. Deste modo, a criança vivencia o poético instintivamente e de forma prazerosa, pois essa primitividade da poesia contida no infante é voluntariamente transdisciplinar, consoante Kirinus (2011).

Para a autora, o *synthoma* de poesia é entendido como símbolo imaginário, que é:

Revestido do lúdico e significa criar, produzir, a partir de um ato voluntário destituído de tempo, espaço e remuneração. Nesse sentido, como brinquedo infantil, a poesia irrompe do cotidiano e, ainda que orientada pela intenção e ordenação estética, não se sujeita aos rigores do tempo e do espaço. Ao invés disso, ela canta uma canção eterna nutrida em cantos e preces que até sabiam alegrar ou curar (KIRINUS, 2011, p. 26).

O revestimento lúdico apura a percepção do mundo, aprimorando a primordialidade, a sensibilidade e a vocação poética. Se a poesia está presente na infância desde antes de sua entrada no ambiente escolar como aptidão própria da natureza humana, cabe desenvolver no mirim as capacidades intrínsecas, apresentando o texto poético de forma prazerosa que oportunize transformações e descobertas, tal como no momento do brincar.

Paralelamente, o brincar com o poema relaciona-se ao jogo infantil da mesma forma que ao jogo poético. À vista disso, o brincar com poesia não exclui o jogo estético. De modo contrário, faz com que o leitor infante pense intuitivamente o jogo como um meio que estipula caminhos para a interação com a complexidade poética de maneira lúdica, ao passo que possibilita a entrada e a cumplicidade dela com o texto.

Em virtude da criança, Kirinus (2011, p. 45) defende que o aprender dá-se na simultaneidade insólita, pois, para ela, o aprender ocorre quando menos se espera. Por este motivo, não cabe o ensino tradicional do poético pautado em aspectos analíticos, cabe o ensino que incentiva o descobrir e o sintonizar, elaborando formas de desenvolver no mirim a descoberta e o conhecimento. A criança aprende, segundo Kirinus, (2011, p. 45), incorporando o saber e o sabor do mundo.

Para tanto, conclui-se que tendo o infante os *synthomas* da poesia ecoando o ludismo, o trabalho com o texto lírico deveria ocorrer mediante uma abordagem proposta a ampliar as descobertas desses sentidos ingênuos, acarretando uma reflexão a respeito da mensagem crítica tácita ao texto literário. Uma abordagem literária a qual tencione a formação do leitor apoiada no desabrochar das percepções subjacentes a ele e ao texto, como uma cumplicidade entre a “brincadeira” e a complexidade da linguagem poética, construindo juntas um exercício crítico do texto literário.

RIMAS E IMAGINAÇÃO: SYNTHOMAS DO LUDISMO NA FORMAÇÃO INFANTIL

Os autores analisados apresentam em seus textos, além da sonoridade enfática, também o lúdico, que tornam os poemas classificados como pertencentes à poesia infantil, dentre outros aspectos, como a temática, a linguagem, os recursos metafóricos, sinestésicos, etc. À vista disso, faz-se necessário desenvolver a concepção do lúdico presente nos textos, de forma que se possa entender como este aspecto estético funciona na formação de um leitor literário.

Dessa forma, percebe-se que Martins Napoleão, na mesma proporção que Climério Ferreira, insere o teor imagético em seus textos, apresentando a característica lúdica que, atravessada por uma sensibilidade abstrata contida no limiar da infância, circunscreve um “pacto ficcional”, estabelecido por Kirinus (2011), emerso através da poesia. É evidente que o trabalho com o ludismo na poesia infantil dispensa considerações de que este conceito limita as crianças ao mundo mágico, uma vez que o imaginar não faz menção ao pueril, mas à relação que o lúdico estabelece com a percepção de mundo. Verifica-se, portanto, que Napoleão insinua em “Lúdica”, o monstro simbolizado através do mar:

LÚDICA

O mar está brincando com os meninos.

Correndo, o monstro avança pela praia
como a querer pegar os pequeninos,
e antes que o bando espavorido saia,
o monstro manso, lúcido e falaz,
arrebentado numa imensa vaia
ri-se do logro e corre para trás.

(NAPOLEÃO, 2003, p. 321).

O poeta envolve na criança a fantasia quando, no primeiro verso, sugere que /O mar está brincando com os meninos/, na mesma prontidão em que o movimento das ondas, assemelhando-se ao ataque do ser que reside na fertilidade imaginativa, abrupta o vazio existente no fim do primeiro verso, suggestionando que o mar-monstro /Correndo [...] avança pela praia/ como a querer pegar os pequeninos/. Dessa forma, o intervalo de tempo estabelecido entre o primeiro verso e os seguintes refere-se, pois, a breve calma que antecede o avançar das ondas/monstro na areia e, conseqüentemente, o adentrar no fértil imaginário infantil.

Como em um ataque imprevisível de um monstro, o mar brinca com o menino sugerindo, uma dança entre o verdadeiro (mar) transpassado para a mentira (monstro) subjetivada ao visível e ao invisível, de acordo com Kirinus (2011). Todavia, a poesia para a autora fundamenta-se, na verdade, denotada pela mentira do real figurada na palavra, é através dessa fabulação que Napoleão prescreve o lúdico, a fantasia do poema.

A ludicidade apoiada e sustentada no *synthoma* poético repousa “na vertente do imaginário, da razão sensível, da fantasia, [d]a conduta infantil” (KIRINUS, 2013, p. 8), à medida que resulta na extensão do mundo poético em que, conforme Huizinga (2011, p. 131), o acaso e a lógica não se fundamentam como no mundo real. No entanto, o jogo, contido na surpresa da linguagem, o explora, fundando um mundo sensível-criativo de encanto.

Na mesma proporção, insere o lúdico de “Epigrama noutra manhã de sol” ao cerne das “crianças com *synthomas* de crianças, isto é, com *synthomas* de poesia” (KIRINUS, 2011, p. 8), quando estabelece novos sentidos ao abrir das roseiras que, ao invés de florescerem, / arrebetaram em gargalhadas/:

ÉPIGRAMA NOUTRA MANHÃ DE SOL

Quando as crianças entraram no parque naquela manhã
todas as roseiras arrebetaram em gargalhadas
vermelhas de rosas...
(NAPOLEÃO, 2013, p. 16).

A visão das rosas sorrindo é contemplada no imaginário infante, que é fértil desde o seu limiar, onde a poesia é sua antiga amiga conhecida, e faz dele (infante) um ser desperto para a fantasia em um estado puro de linguagem, como estabelece Kirinus (2011), um estado de criança-poesia. Pode-se evidenciar que o lúdico nesses textos assume a posição de aspecto estético inerente ao poético, quando se considera que inicialmente não foram dedicados aos pequenos, tampouco proclamados de modo exclusivo ao adulto.

No mais, mesmo que a ideia original fosse pensada para o público infantil, ainda assim, como afirma a autora, o lúdico estaria para a criança, na mesma intensidade com que a criança estaria para a poesia, pois há uma alternância, uma troca de sensação e de percepção entre o saber e a sensibilidade estética que permeia o pequeno e o poético como um fenômeno transdisciplinar, que permite compreender não haver diferença entre o aspecto estético da poesia adjetivada “infantil” em vista da “adulta”.

Conforme Kirinus (2011), os poemas de Napoleão estão nutridos dessa transdisciplinaridade existente entre criança e poesia. Do mesmo modo que “Epigrama noutra manhã de sol” recorre ao emprego do ludismo, “Um momento, na minha cidade humilde” convida a mesma atividade:

UM MOMENTO, NA MINHA CIDADE HUMILDE

No largo antigo, ao luar,
dançam as crianças a Ciranda e cantam:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

A igreja, as casas, todo o céu e o mundo
dançam com elas nesta noite ao luar:

Ciranda, Cirandinha
vamos todos cirandar!

[...]

(NAPOLEÃO, 2013, p. 10).

O poema alicerça o elo entre o real e a verdade emblemada na mentira contida na fantasia da infância e que insiste em uma verdade apoiada na verdade imaginada, como frisa Kirinus (2011), que longe de reduzir-se ao mágico, transcende ao saber sensível do lúdico-transdisciplinar² e investe na fertilidade criativa da imaginação infantil.

O trabalho com a ludicidade, nesse poema, recorre à conduta livre da criança, pois exibe características do saber/viver desde o seu primeiro contato com o abstrato poético, mesmo antes da aquisição da linguagem, quando canções de ninar lhe são apresentadas. A referência feita a algo presente na existência dela, desde o princípio da vida, interpõe-se ao lúdico que também lhe é intrínseco, pois este atende ao plano primário que convida a natureza humana a experiências criadoras, desenvolvendo capacidades inerentes à estética humana. É através desta primordialidade que Huizinga (2001) situa a poesia em relação ao lúdico, que desenvolve na criança os *synthomas* de poesia, dos quais enquadram-se a harmonia, o ritmo, a consonância etc.

Do mesmo experimento decorrem os poemas de Climério Ferreira que apresentam a característica de forma abastada, pois criam “um elenco de *synthomas* em que o prazer, o jogo, o riso e a intensidade viva do viver permitem uma nova relação com a criança” (KIRINUS, 2013, p. 20). Situa-se nesse compasso interativo criança-lúdico-poesia o primeiro texto analisado do autor, “A arte da minha neta Daniela”:

A ARTE DA MINHA NETA DANIELA

a menina dança e rodopia
com seus sapatos vermelhos
da cor da boca que sorria
ante o verde sem espelhos³

Nele, a relação tríade soma-se à brincadeira, estabelecendo um vínculo mútuo entre criança-lúdico-poesia-brincadeira que expande progressivamente a “intensidade viva do viver”. Neste plano, o trabalho do autor é firmado através da visão da menina que /dança e rodopia/ com seus sapatos vermelhos/ na busca de oferecer a brincadeira como mecanismo

² Conceito estabelecido por Kirinus (2011) na elucidação do vínculo firmado entre a infância e a poesia em que uma e outra relacionam-se através do lúdico primordial na existência humana.

³ Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/tag/arte-da-daniela/>

de inspiração reinventada na palavra que presenteia a criança com a surpresa inteiramente ligada à comunicação dela com a dança imaginada. Isto é, apoiada na realidade inventada. O imaginar impulsiona cada vez mais os *synthomas* decorrentes da relação recíproca entre criança-lúdico-poesia-brincadeira.

Os dois poemas seguintes do autor também incorporam o mesmo mecanismo. Nos intitulados “Haja vista” e “Na idade média”, insere-se a linguagem simples, assim como no primeiro poema. Ao mesmo tempo que introduz a descoberta, pois mesmo que a poesia se incorpore à existência humana, tornando-se comum por ser concebida a começar pelo primitivo da infância, ela é, na mesma proporção, a descoberta. De modo consequente, a descoberta fundamenta-se no lúdico, uma vez que desvendando a imagem do poema, ou seja, despertando a fantasia, a criança desenvolve suas potencialidades de criar e inventar novas formas de ver e dizer o mundo.

Dessarte, no poema “Haja vista” a linguagem é agenciada com um recurso que colabora para com a percepção e ampliação dos sentidos, o que acarreta, do mesmo modo, a amplificação da imagem:

HAJA VISTA

Ávida de olhares
A pétala da flor
Espalha pelos ares
Cheiro e cor⁴

O autor utiliza do artifício sinestésico atuante no imaginário infantil, quando fabula que /A pétala da flor/ espalha pelos ares/ cheiro e cor/, corroborando no alargamento do belo, o qual viabiliza a criação de novos sentidos, de novos significados e modos de entender e de expressar-se no mundo ainda genuíno. Descobre, por entre o ludismo requisitado pela linguagem, novas formas de brincar com as palavras, inventando-as, dando-lhes novos significados e ampliando sua fertilidade imaginativa, sem fazer juízo das quais sejam as lexicografadas.

Todavia, em “Na idade média” recorre-se à descoberta motivada pelo lúdico que, por sua vez, informa indiretamente a criticidade do mundo adulto, de forma que a criança possa mergulhar na fantasia, ao tempo que se eleva à reflexão sobre a sua relação com a realidade, associando a experiência do sentir ao refletir, discutir etc.

NA IDADE MÉDIA

Nenhum feito é fato
Se não for bem divulgado

⁴Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/>.

Com todo estardalhaço
 No mundo globalizado
 Daquela revista besta
 Que traz fofoca de artista
 E que a gente pega na cesta
 Enquanto espera o dentista⁵

Contudo, é notório que o aparato reflexivo do poema não faz jus a ideologias, mas aproxima a realidade das coisas do mundo real, ao passo que ultrapassa os nexos mais evidentes e duros dessa realidade, pois o lúdico, no poema infantil, consoante Bordini (1991), provoca o refrigério da seriedade adulta e fornece, além da sonoridade marcada pelas rimas, informações do mundo adulto que assumem o lugar de interlocução, elaborando novos caminhos para as capacidades críticas e poéticas, podendo assim o pequeno leitor configurar e alterar essa realidade no decorrer da sua imaginação.

Isto posto, a partir da explanação realizada até aqui, conclui-se que os autores revelam o fascínio da brincadeira com a palavra através do ludismo que é ecoado na infância, oferecendo-lhes morada em seus textos poéticos. Para tanto, Huizinga (2001) não se engana quando considera que a poesia é estritamente ligada à infância por uma e outra sustentar-se ao lúdico, no jogo indissociável entre infância-lúdico-poesia. Da mesma forma que Kirinus (2011, p. 30) é verdadeira quando atesta que os *synthomas* desta relação tripla são “nutridos de símbolos na linguagem, no jogo mais verdadeiro que existe [que é] aquele que inventamos”.

É, portanto, este o caminho percorrido pelos autores que estimulam os efeitos/*synthomas* poéticos no compasso dos ritmos, do lúdico e do mágico, os quais sintonizam o desenvolver das percepções de mundo para as relações com os outros presentes neste mundo, ou seja, para as relações verdadeiras com os outros ao seu redor, com a criatividade, a sensibilidade, a emoção e, com a égide de todos os *synthomas*, a fantasia.

Nessa conjuntura, de acordo com Abramovich (1989):

A poesia para crianças, assim como a prosa, tem que ser antes de tudo, muito boa! De primeiríssima qualidade!!! Bela, movente, cutucante, nova, surpreendente, bem escrita... Mexendo com a emoção, com as sensações, com os poros, mostrando algo de especial ou que passaria despercebido, invertendo a forma usual de a gente se aproximar de alguém ou de alguma coisa [...] Prazerosa, gostosa, lúdica, brincante (ABRAMOVICH, 1989, p. 67).

É notório nos poemas dos autores que o brincar com a poesia, com as palavras e com a linguagem em si, associa-se ao jogo o qual estabelece um vínculo íntegro com o leitor. Dessa

⁵ Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/2008/05/05/52/>.

forma, os cativam ao pensar espontâneo do jogo como uma ponte para a interação com o particular poético. Ao passo que possibilita também a abertura/acordo com o texto, principalmente quando se trata de leitores em crescimento, isto é, do desenvolver da leitura literária nos primeiros anos de formação crítica.

Zilberman (2012, p. 17) pondera que a introdução da literatura nos anos iniciais de leitura consistiria em torná-la o foco principal, no que se refere ao crescimento intelectual e individual do jovem/infante. Considerando esta afirmação, nota-se que o trabalho com textos em versos deveria priorizar o progresso do conhecimento poético já corrente na criança, para, então, edificar a leitura literária que, para além de resumir-se à análise de classes de palavras, possa fortalecer a sensibilidade para com o aprazimento estético.

De acordo com o que foi investigado, a criança em *synthoma* de poesia é aquela que conhece, mesmo que inconscientemente, o saber poético, que sente os efeitos colaterais, tal qual os sintomas humanos que nos sensibilizam a sentir de forma mais intensa, ao tempo que delicada, a indicação de uma fragilidade corpórea. No entanto, o *synthoma* de que se fala é responsável por afagar os efeitos mais delicados e suaves da poeticidade humana refletidos na infância.

A aptidão lúdica, resultando em variados *synthomas* de poesia, acha-se presente na infância a partir de seu prelúdio como propensão particular à existência humana. Portanto é respeitável inferir a importância em ponderar a ação dessa aptidão no desenvolver das capacidades possibilitadas pelo texto poético que, por sua vez, oportuniza o prazer e as descobertas, tal como no momento do brincar.

Para mais, é notório nos poemas dos autores que o brincar com a poesia, com as palavras e com a linguagem em si, associa-se ao jogo o qual estabelece um vínculo íntegro com o leitor. Dessa forma, os cativam ao pensar espontâneo do jogo como uma ponte para a interação com o particular poético, ao passo que possibilita também a abertura/acordo com o texto, principalmente quando se trata de leitores em crescimento, isto é, do desenvolver da leitura literária nos primeiros anos de formação crítica.

Não é à toa que o aspecto do ludismo é alçado na poesia. Nos textos de Napoleão e Ferreira ele assume o lugar de transversalidade entre a poeticidade e o leitor. É observável, portanto, a tensão assertiva entre o deleite e a percepção, quando os autores exploram os rudimentos das palavras atribuindo-lhes novos sentidos. Pode-se concluir, enfim, que os poemas analisados apresentam espontaneidade, vitalidade, naturalidade, simplicidade e, em grande escala, a ludicidade, que são características interessantes para a leitura inicial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado neste trabalho, a linguagem poética é por natureza possibilitadora do prazer estético. Para Coelho (2000) ela eleva ao instintivo das complexidades e subjetividades humanas, sendo eficaz na sapiência da leitura do mundo. Nessa conjuntura, tem de sustentar a aspiração de uma educação leitora que atue como transformadora a partir do primeiro contato com o texto poético. Todavia, o primeiro contato com o verso precisa apoiar-se, além de tudo, na descoberta, pois a criança ao interagir com o texto deve ser capaz de “descobrir a realidade que a circunda” (COELHO, 2000, p. 22).

Dessa forma, conclui-se com este estudo que Climério Ferreira e Martins Napoleão não somente inserem o descobrimento em seus versos, como também os demasiados fascínios que se pode oferecer. Os poemas dos autores apresentam caminhos que auxiliam no universo interior infantil, respeitando-o e reinventando-o, visto que este detém um modo particular, uma lógica característica de ver e entender o mundo.

Em linhas gerais, os poetas fazem uso da característica lúdica, que é um aparato estético que reforça o pictórico subjetivo à infância, corroborando para com o encantamento poético. O ludismo, nesses poemas, entretém, comunica-se com a criança, manifesta o fantástico e persuade à aprendizagem. Dessa maneira, depreende-se a afirmação feita na análise, de que o lúdico não é sintetizado de modo único ao irreal. Ele é, sobretudo, substancial para a apreensão da realidade.

Portanto, esta característica presente nos textos dos autores, atua numa dança – em que os pares são compreendidos pela poesia-lúdico-criança – que conduz a iniciação da leitura, visto que o lúdico por ser inerente à criança e à poesia torna-se um aspecto importante para formação leitora.

Por isso, através da aproximação que os textos estabelecem com esse universo fantástico simultâneo à brincadeira é que eles legitimam os *synthomas* de poesia adquiridos pelo infante, uma vez que, quando se dispõe poemas sem o caráter pedagogizante em grande escala, com temas que interessam aos pequenos, há uma aceitação maior por parte desses leitores, principalmente nos primeiros anos da leitura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- BORDINI, M. G. **Poesia infantil**. 2º edição. São Paulo: Editora Ática, 1991
- COELHO, N. N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, C. **Na idade mídia**. Climério Ferreira Weblog, 2008. Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/2008/05/05/52/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

FERREIRA, C. **Haja Vista**. Climério Ferreira Weblog, 2008. Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

FERREIRA, C. **A arte da minha neta Daniela**. Climério Ferreira Weblog, 2008. Disponível em: <https://climerioferreira.wordpress.com/tag/arte-da-daniela/>. Acesso em: 13 fev. 2020.

HUIZINGA, J. O jogo e a poesia. In: **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. 4. ed. Tradução: João Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000. p. 131-147.

KIRINUS, G. **Synthomas de poesia na infância**. 1. ed. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. A ruptura com a poética tradicional. In: **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007. p. 145-153.

NAPOLEÃO, M. **Lúdica**. Cancioneiro geral II. 1. ed. Teresina: EDUFPI, 2003.

NAPOLEÃO, M. **Poemas. Presença**. Órgão oficial do Conselho Estadual de Cultura e Fundação Cultural do Piauí, Teresina, Ano XVIII. n. 30, 2003, p. 7-9

ZILBERMAN, R. A formação do leitor. In: **A leitura e o ensino da literatura**. 1. ed. Curitiba: Editora IBPEX. 2012. p. 15-20.

Recebido para publicação em: 20 abr. 2021.

Aceito para publicação em: 9 fev. 2022.